



A filosofia como mediação de formação humana na educação escolar

Philosophy as a mediation of human formation in school education

XAVIER, Victor Fabiam Gomes. Mestrando/Licenciado em Filosofia

Programa de Pós-Graduação PROF-FILO UFPE. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH 15° Andar, Cidade Universitária - Recife-PE - CEP: 50740-550 / Telefone: (81) 2126-8297 / E-mail: victorfabiam17@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a filosofia como mediação da formação humana na educação escolar, tendo José Ortega y Gasset e Ivan Illich como principais pensadores que abordam a crítica ao tecnicismo e a desescolarização do modelo educacional presente, mostrando que esses pensadores podem contribuir na compreensão histórica do passado e da atualidade e, com certeza, podem ajudar o homem hoje a perceber o quanto a escola está distante do ideal de formação humana, sendo assim necessário lutar por uma filosofia que tem como meta ser uma mediação na educação escolar, capaz de ajudar à construção de uma humanidade que se encontra porque se conhece e é capaz de dar passos certos. Cabe a este artigo mostrar o quanto o pensamento de Ortega y Gasset é necessário para esse contexto da sociedade do século XXI, na qual o tecnicismo e a especificidade de cada disciplina e de cada saber são tão difundidos e defendidos por grande parte da população, mostrando que títulos dizem quem a pessoa é; também, a grande crítica de Ivan Illich ao modelo de educação que tem privilegiado mais a escola e seus professores, que o aluno que é e deveria ser sempre o centro e a real preocupação de toda educação.

Palavras-chave: .

ABSTRACT

This article aims to present philosophy as a mediation of human formation in school education, with José Ortega y Gasset and Ivan Illich as main thinkers who approach the criticism of technicality and the unschooling of the present educational model. Showing that these thinkers can contribute to the historical understanding of the past and the present and, certainly, they can help man today to realize how far the school is far from the ideal of human formation, being necessary to fight for a philosophy that aims to be a mediation in school education, capable of helping to build a humanity that you find yourself because you know yourself and are able to take certain steps. It is up to this article to show how much Ortega y Gasset's thought is necessary for this context of 21st century society, in which the technicality and specificity of each discipline and knowledge is so widespread and defended by a large part of the population, showing what titles say who the person is; as well as Ivan Illich's great criticism of the model of education that has favored the school and its teachers more, than the student who is and should always be the center and the real concern of all education.

Keywords: Society, Citizenship, Public Policies and Democracy.

Introdução

O intuito deste artigo consiste em fazer uma releitura crítica do sistema educacional brasileiro, tendo a filosofia como mediação da formação humana dos alunos. Para tanto, é preciso partir de uma reflexão crítica sobre a educação tecnicista em José Ortega y Gasset e Ivan Illich, acreditando-se que assim será possível propor caminhos que atendam às novas exigências do mundo hodierno, mas que contemplem o aluno como fim, e não como meio de um sistema.



Tem-se como objetivo defender um papel fundamental da filosofia nas escolas: a mediação da formação humana. Nesse sentido e, analisando o papel da filosofia na estrutura educacional, deseja-se repensar a atuação da filosofia no ensino médio, como mediação da formação humana dos alunos, identificando o efeito da presença de um professor de filosofia no contexto educacional marcado pela racionalidade instrumental eminentemente técnica e pelas características de uma sociedade, bem como pais, alunos e escola escolarizados, chegando assim a indicar a filosofia como um caminho que ressalte o potencial de emancipação inscrito na educação.

Não se pode negar que o sistema tem transformado a educação em um conjunto de obrigações a serem cumpridas para que os alunos, logo mais, tenham dinheiro e poder. Resta a tristeza em ver, cada vez mais, os alunos saturados da sala de aula e - ainda que preparados para o mercado de trabalho - sem rumo sobre qual é o seu lugar no mundo.

Este artigo será uma revisão teórica dos textos de filósofos, divididos em temáticas que tratam sobre tecnicismo, escolarização e desescolarização, valorização da vida e da pessoa humana, desejando, com isso, trazer à luz que a educação filosófica é necessária para o processo de formação humana dos alunos.

Dessa forma, este artigo propõe refletir sobre como a prática educacional atual, regida pela racionalidade orientada a fins, é restrita à dimensão cognitivo-instrumental, e prescinde da dimensão sociopolítica dos alunos. Por isso, com a ajuda da prática da filosofia na educação, formando intersubjetivamente os estudantes para a vida, será capaz de libertá-los de qualquer coação instrumental, consolidando na filosofia a possibilidade de mediação da formação humana.

Justificativa

Partindo da verdade que “um docente que conseguisse conciliar uma boa formação filosófica e pedagógica, seria garantia suficiente de uma presença autêntica da filosofia no ambiente escolar” (MATOS, et al., 2015, p. 369), deseja-se neste trabalho aludir à necessidade de um bom trabalho filosófico como mediador, na estrutura escolar, da formação humana do cidadão e da cidadã em processo educacional.

Não se pode negar que está cada vez mais forte a tendência à desvalorização do ensino da filosofia nas escolas. No entanto, mais do que isso, deseja-se insistir aqui na urgência que a educação tem em ensinar o filosofar a cada aluno. Ou seja, suscitar em cada jovem o desejo de se construir e se reconstruir, pois, só nas desconstruções de tudo que foi construído até hoje no seu ser, cada pessoa pode reafirmar seu caminhar ou perceber a via que ainda estava não notada.

O trabalho de desconstrução, por mais furioso que seja, possui consequências identificáveis somente quando o paradigma da consciência de si, da auto relação de um sujeito que conhece e age solitário é substituído por um outro - pelo do entendimento recíproco, isto é, da relação intersubjetiva entre indivíduos que, socializados por meio da comunicação, se reconhecem reciprocamente (HABERMAS, 1990, p. 431).

Quando se pensa neste assunto, cabe ressaltar também que são muitas as críticas dos alunos sobre a forma como é ensinada a filosofia nas escolas. Sendo assim, essa desvalorização da filosofia



traz um teor positivo: a necessidade de os próprios profissionais repensarem a sua docência. Até porque um filósofo “é alguém para quem a filosofia não é algo dado, é alguém para o qual o essencial é ter que interrogar-se sobre a essência e o destino da filosofia” (DERRIDA, 1997, p. 16).

Está cada vez mais forte a influência desse processo de modernização nas escolas, uma vez que a educação não visa mais conduzir os discentes para o esclarecimento e a formação humana; de forma contrária, corrobora os sistemas que colonizam o mundo da vida, reificando todos os níveis das relações interpessoais, fazendo que o ser humano, cada vez mais, especialize o seu saber, pensando sempre no mercado de trabalho, que está fundamentalmente ligado ao mercado do consumo.

Infelizmente, nesse mercado da escolarização, quem mais ganha com a educação assim não é o aluno. A escola ainda insiste num modelo de informações, mas de pouca formação; insiste em produção, mas pouca reprodução do próprio ser. Não é o aluno o centro das atenções. “Nossas atuais instituições educacionais estão a serviço dos objetivos do professor” (ILLICH, 1985, p. 82).

Deste modo, partindo de experiência docente, com a qual se percebem os anseios, desejos e expectativas dos alunos de uma educação que lhes forneça mais que meros conteúdos normativos e que os ajude a confrontarem-se com os dilemas práticos da vida, vê-se no ensino da filosofia uma mediação da formação humana, estruturada comunicativamente, e uma possibilidade para um amadurecimento da consciência crítica dos alunos estruturada dialogicamente, ou seja, uma educação mais engajada nas suas vidas.

A filosofia, como mediação para a formação humana do aluno, faz-se cada vez mais urgente. Não se pode negar que as estruturas educacionais estão - quase todas - ligadas ao mundo técnico, com a justificativa de que o fazer-empírico do aluno significa dizer competência e amadurecimento pessoal e educacional. Isso é bem perigoso, pois se percebe cada vez mais uma cobrança imensa nos jovens, para que eles se especializem, pois é esse ser técnico, especialista, que garante uma boa condição financeira.

As escolas, hoje, têm sido ambientes de difícil construção de humanidades; tem-se privilegiado, na estrutura escolar, muitas outras coisas, como números, horários, diplomas recheados, currículos organizados, sites bem elaborados...E, assim, percebe-se que “as escolas criam empregos para seus professores, não importa o que os alunos aprendem deles” (ILLICH, 1985, p. 44).

Encontram-se, hoje, pais que estão preocupados se os filhos terão aulas o dia todo, não se eles aprenderão durante o dia. Isso é quase normal na sociedade atual, pois é fruto de uma história que ensinou que um bom aluno é aquele que passou mais anos numa escola. Como pensava Illich, são muito preocupados com a escolarização e não com o valor.

Quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou, então, a graduação leva ao sucesso. O aluno é, desse modo, «escolarizado» a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é «escolarizada» a aceitar serviço em vez de valor (ILLICH, 1985, p.16).

Esse contexto é tão forte que poucos professores se preocupam em inovar, mudar o foco da educação. Os que ainda desejam isso, sentem-se limitados e criticados pelos próprios colegas



docentes que não aceitam pensar uma educação na qual o saber não seja difundido numa sala, em quatro paredes.

Sendo assim, não se encontram mais tantos professores preocupados em formar o cidadão para a realidade sociopolítica. Daí insistir-se aqui que a filosofia tem esse papel de não deixar que a dimensão humana se perca nas salas de aulas. Até porque, como dizia Ortega, “a primeira coisa que a filosofia tem de fazer é definir esse dado, definir o que é ‘minha vida’, ‘nossa vida’, a de cada um” (ORTEGA, 2016, p. 83). O cuidado com essa educação tecnicista é gritante na filosofia Ortegiana.

Esse problema tão técnico, e até hiper-técnico, nos obriga tecnicamente a colocarmos o problema menos técnico que existe: o de definir e analisar o que é ‘nossa vida’, no sentido mais imediato e primário dessas palavras, incluindo o que é nossa vida cotidiana (ORTEGA, 2016, p. 30).

Júlian Marías, um grande comentador de Ortega, insiste também nessa verdade de que essa competição de inteligência, que é feita hoje na educação, não leva o ser a nada, pois “uma realidade humana qualquer, concreta, só se torna inteligível a partir da vida, referida a essa totalidade em que está radicada. Só quando a própria vida funciona como razão conseguimos entender algo humano” (MARÍAS, 1960, p. 184-185).

Com essa estrutura escolar, percebemos que a ideia de construção da vida, da carreira profissional, da vocação, da vontade, tem desaparecido bastante, pois os pais hoje creem firmemente e trabalham de forma árdua - com as melhores intenções - para colocar seus filhos nas mais renomadas escolas, porque dali eles sairão educados, capazes de enfrentar a melhor universidade e, depois, alcançarão os melhores empregos.

São poucos os responsáveis que percebem que há uma inversão de valores, que muitos papéis estão trocados na sociedade. Os pais tendem a não ter tempo para os filhos, porque precisam trabalhar incansavelmente para que eles tenham as melhores escolas, as mais caras. E “num mundo escolarizado o caminho da felicidade está pavimentado com o índice de consumo” (ILLICH, 1985, p. 54).

Precisa-se perceber que isso está errado. Basta olhar para o último ano do ensino médio. É notório que os jovens estão concluindo seus ensinos médios sem saberem qual caminho seguir, qual escolha tomar. Por quê? A escola não garante a educação certa? Por que precisa de mais cursinhos pré-vestibulares? Será que é por causa da necessidade de uma revisão ou porque os jovens precisam de mais tempo para conseguir passar no curso que seus pais anseiam, e a escola quase que vendeu como caminho da riqueza?

Triste realidade, mas “a escola, fazendo com que os homens abdicuem da responsabilidade por seu crescimento próprio, leva muitos a uma espécie de suicídio espiritual” (ILLICH, 1985, p. 73). É grande o número de jovens que sofrem de ansiedade e até de depressão por não conseguirem passar no curso que garante a felicidade da sociedade: medicina.

Nesta perspectiva, assim como Ortega, Nietzsche pensa em uma pedagogia que valorize a vida, numa educação da indeterminação, que não se enquadre em moldes que a impeçam de criar-se e recriar-se, superando a cultura vigente. Em Dias (1991, p. 115), educar é possibilitar uma



capacidade crítica pessoal e autônoma, que esteja unicamente a serviço de uma atividade criadora, uma postura artística diante da existência.

Para Ortega y Gasset, a vida é a coisa mais bela que o ser humano possui. “Viver é a necessidade originária de que todas as demais são meras conseqüências” (ORTEGA, 1963, p. 9). Por isso, cabe ao homem, cada vez mais, estar inserido em coisas que as faça ele mesmo, e não em coisas que o tornem meras máquinas especialistas.

A educação filosófica deve fazer com que os educandos sejam, eles mesmos, seus próprios educadores, pois “ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida, ninguém, exceto tu.” (NIETZSCHE, 2003, p. 140).

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2005, p. 23).

É urgente que a escola e os professores apressem em insistir para que os alunos se conheçam e desenvolvam suas habilidades, pois só eles devem ser os responsáveis pelas suas escolhas, não o professor. Até porque “a função do orientador educacional ou do mestre está em ajudar a que os aprendizes façam este encontro para que a aprendizagem possa ocorrer” (ILLICH, 1985, p. 32).

Conclusão

Um modelo educacional filosófico, concebido comunicativamente, desvincula a centralidade do processo educativo do professor que, centrado em sua autoridade de mestre, arroga para si a posse do conhecimento, intimidando e coagindo os alunos. A educação passa a ser entendida dialogicamente, resultando de uma interação, linguisticamente mediada e orientada para o entendimento, entre os agentes do processo. Professor e aluno têm igual relevância, pois o ato de educar resulta da troca contínua e desinteressada (não-instrumental) entre eles.

Decerto, este fluxo comunicativo exige sensibilidade, capacidade de libertar-se dos limites, das dependências. (...) A identidade do Eu indica a competência de um sujeito capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências de consistência (...) a identidade é gerada pela socialização (...) e vai se processando à medida em que o sujeito - apropriando-se de seus universos simbólicos - integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social (HABERMAS, 1983, p. 54 e 72).

Formar o aluno dentro de uma racionalidade comunicativa exige que a escola o oriente para uma autonomia responsável e intersubjetiva. Conceder-lhe uma participação ativa e consciente no processo ao qual ele se submete, ajuda-o a ir além do caráter cognitivo-instrumental dos conteúdos normativos indispensáveis. Isso acontece quando há uma mudança da racionalidade sobre a qual o processo educativo repousa, quando há uma mudança da subjetividade moderna para a intersubjetividade da razão comunicativa.

O ensino da filosofia tem papel decisivo, como possibilitador e formador desta comunidade comunicativa na escola, pois é através dele que se estabelece um diálogo integrador entre as



disciplinas, revelando a unicidade que é a educação, integrando os conteúdos vivenciados em sala de aula com a realidade concreta vivida pelos alunos, e revelando o engajamento social desta nova forma de conceber a educação. “As estruturas relacionais que precisamos são as que capacitam todo homem a definir-se a si mesmo pela aprendizagem e pela contribuição à aprendizagem dos outros” (ILLICH, 1985, p. 82). Se assim for, existirá uma sociedade melhor.

Referências

DERRIDA, J. **Le droit à la philosophie du pont de vue cosmopolitique**. Vendôme: Unesco-Verdier, 1997.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HABERMAS. **Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. 7 ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

MARIAS, Julián. **Introdução à Filosofia**. Tradução: Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Livraria Duas cidades, 1960.

MATOS, Junot Cornélio et al. **Filosofando sobre o ensino de filosofia. O Que nos Faz Pensar: Heidegger- política, história e comunidade**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 0, p.367382, mar. 2015. Semestral.

NIETZSCHE. **Sobre os futuros dos nossos estabelecimentos de ensino**. Rio de Janeiro; São Paulo: PUC-RIO; Loyola, 2003 p. 41-137.

ORTEGA Y GASSET. **Rebelião Das Massas**. Tradução: Felipe Denardi. 5 ed. Campinas: Vide Editorial, 2016.

_____. **Meditação da Técnica**. Trad: Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano Limitada, 1963.